

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

ANDRÉ NAZARENO DO NASCIMENTO LAUNÉ

**DEVIR BORBOLETA:  
TRAJETOS DE SI NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM  
PROFESSOR – ARTISTA DE TEATRO; RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**BELÉM – PARÁ**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**ANDRÉ NAZARENO DO NASCIMENTO LAUNÉ**

**DEVIR BORBOLETA:  
TRAJETOS DE SI NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM  
PROFESSOR – ARTISTA DE TEATRO; RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à  
Universidade Federal do Pará, como requisito para  
obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Maria Xavier  
Almeida

**BELÉM - PARÁ**

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

- L376d      Launé, André Nazareno do Nascimento  
              Devir borboleta: trajetos de si no processo de construção de um professor – artista de teatro; relato de experiência / André Nazareno do Nascimento Launé – 2023.  
              36 f.  
  
              Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida.  
  
              Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.  
  
              1. Teatro – Formação do professor. 2. Memória. 3. Adolescentes. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.028

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

## ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo terceiro dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às dezessete horas, reuniu-se na sala 15 - Auditório, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivone Maria Xavier Almeida (Orientadora e Presidente), Prof.<sup>a</sup> Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva (Examinadora) e Prof. Raphael Andrade (Examinador Externo), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno André Nazareno do Nascimento Launé, intitulado: "**DEVIR BORBOLETA: TRAJETOS DE SI NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM PROFESSOR - ARTISTA DE TEATRO; RELATO DE EXPERIÊNCIA**". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovada com conceito Excelente com as seguintes observações realizadas pela banca e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.


Belém, 13 de junho de 2023

Prof.<sup>a</sup> . Dra. Ivone Maria Xavier Almeida  
Orientadora e Presidente da Banca

Prof.<sup>a</sup> Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva  
Examinadora

Prof. Raphael Andrade  
Examinador Externo

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura 

---

*ANDRÉ NAZARENO DO NASCIMENTO LAUNÉ*

*Local e Data:* Belém, 20 de Junho de 2023

Dedico esse trabalho aos que lidam diariamente com a escuridão, a todos que estão presos em pensamentos e aos que já pensaram em desistir. Há chance pra nós, não estamos sozinhos!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe Jaquelyne, por ser meu suporte e apoio em todos os dias sombrios e por ser meu exemplo quando o sol brilhava, por me apoiar e me permitir ser borboleta, sem nunca duvidar dos meus processos. Agradecer à minha irmã Carla que é meu maior exemplo de força, persistência e coragem, me ensinando a não desistir e me manter sempre firme, o meu irmão Allan que me ajudou a crescer e me protegeu enquanto estava no casulo, e ao meu irmão Nathan, que experiêcia todas essas fases aqui citadas em tempo real, estamos juntos! Aos meus avós, em especial meu avô Chico, que me criou sensível e me fez enxergar para além do óbvio em cada pessoa, e infelizmente não teve a chance de me ver concluindo curso, mas que sem dúvidas estaria orgulhoso dos meus processos e nunca soltaria minha mão. Às minhas tias Cileide, Ciane, Ciléia, Noca, Jaque, Tânia e Jane que fizeram parte do meu processo de crescimento enquanto pessoa e foram essenciais na minha formação. Aos meus tios, Ari, Artime e Janderson, por serem exemplos de pessoas e me apoiarem nos momentos mais difíceis. Aos meus amigos, Amanda, Xviccy e Nayan por serem as tampas do meu potinho, e por compartilharem momentos bons e ruins comigo, e em especial aos meus amigos Miller e Assucena, por dividirem vida comigo, me acolherem e me ensinarem todos os dias sobre irmandade e amizade, eu amo vocês!

À minha orientadora, Ivone Xavier, pelo cuidado, acolhimento e paciência em me ajudar a entender meu tempo de escrita, sempre me incentivando.

Aos meus alunos da turma de Teatro Juvenil, que me permitiram adentrar seus espaços de reconhecimento e me mostraram pela primeira vez a importância do cuidado entre professores e alunos.

E por último, ao pequeno André, que segurou muitas barras e se manteve em seu casulo até onde pode, me permitindo alçar voos e ser uma linda borboleta.

## RESUMO

Essa monografia tem como intuito refletir sobre minhas memórias e vivências ancoradas na “Adolescência”. Acionar minhas memórias me fizeram refletir sobre a trajetória e forma do comportamento adolescente, exemplificadas aqui também ao acessar outras áreas de conhecimento que não o teatro. As descobertas e acontecimentos aqui citados foram acionados de forma não necessariamente cronológica, portanto não há uma ordem de tempo para os acontecimentos, e cada memória foi acionada no momento oportuno para sua entrada. Vale ressaltar que não se trata apenas de uma trajetória, mas também de uma rememoração de sensações e situações como forma de exemplificar situações aqui citadas, voltadas para o campo da docência, falando sobre a necessidade do conhecimento do pensamento adolescente para que se possa atuar como docente. Também abordei os conflitos adolescentes sob uma perspectiva teatral, revisitando momentos de minha vida como a descoberta da sexualidade, a luta contra o corpo e o aflorar de sentimentos, entrelaçando com o momento em que finalmente reconheço meus conflitos em corpos diferentes, me distanciando do cargo de experimentador e adentrando no papel de professor dentro do grupo de Teatro Juvenil da Escola de Teatro e Dança da UFPA. A construção do texto é marcada por diálogos com GOFFMAN, FOUCAULT, FORTIN, FREIRE, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória; adolescência; teatro; docência

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1 - Divulgação do espetáculo “vire à lata” .....	16
FIGURA 2 - Sala de Aula .....	25

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>TUDO QUE ME ERA SAGRADO: A lagarta e a religiosidade.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>A NATA E O CREM: a entrada no casulo.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>O VERÃO VERMELHO.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>DEVIR BORBOLETA.....</b>	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quando a professora<sup>1</sup> da disciplina de metodologia de pesquisa em arte, do curso de Licenciatura em Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA – ETDUFPA, perguntou em sala “qual o teu tesão no teatro?”, algo em mim começou a fervilhar, pois eu não sabia responder qual meu “tesão”. Eu então comecei uma busca incessante para descobrir o que me dava tesão, e nessa busca passei por diversos lugares, começando pelo impulso de falar sobre arte drag. Mas depois de muito pensar me fiz a pergunta “o que me trouxe até essa faculdade?”, e então a resposta apareceu em minha mente, posto que uma das questões mais inquietantes e doloridas que carregava comigo era a de descobrir quem eu era e de enxergar meus medos e traumas advindos em minha fase de adolescente. Pronto; enxerguei meu ponto de partida deste exercício de investigação focado na trajetória de si.

Existem diversos conceitos sobre a adolescência, há quem diga onde começa e onde termina, há quem ouse determinar etapas de acontecimentos como uma regra geral, e há quem diga que significa viver com muita intensidade. Todavia, neste exercício reflexivo, procurei informar que este não se trata de um manual de sobrevivência à adolescência e que sequer

---

<sup>1</sup> Wlad Lima - Wlad Lima (nome artístico) é artista-pesquisadora, atriz, diretora e cenógrafa de teatro na cidade de Belém do Pará. Possui doutorado e mestrado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia PPGAC/UFBA e graduação em Ciências Sociais pela UNAMA - União das Escolas Superiores do Pará. Fez um Pós-doutoramento em Estudos Culturais junto a Universidade de Aveiro \ Portugal. Na Universidade Federal do Pará, é professora no Curso Técnico de Formação de Ator, na Licenciatura em Teatro, nos Mestrados em Artes (acadêmico e profissional) e no Doutorado em Artes do PPGArtes - Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte ICA. Coordena o Projeto de Pesquisa Existências Poéticas, registrada no Grupo de Pesquisa GEPETU - Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade, credenciado pela UFPA e CNPq. Coordena o Projeto de Extensão da ETDUFPA intitulado Clínicas do Sensível - Consultório Dramático e Laboratórios Vivenciais Imersivas em Artes. Na categoria artística atua como colaboradora no Grupo Cuira do Pará e diretora artística do Coletivas Xoxós. Tem experiência na área de Formação de Ator, com ênfase na concepção de Ator-criador; na área da Encenação e Memória, com ênfase na formação de Jovens encenadores e construção de Netcenas (Diários de Bordo Virtuais e Wikis), atuando principalmente sobre os seguintes temas: matrizes de encenação, processos de criação, cartografias poéticas, dramaturgia pessoal do ator, histórias de vida postas em cena. Suas mais recentes produções acadêmicas são: a pesquisa intitulada Uma Webcartografia dos Estudos Culturais em Portugal, já concluída e resultante de seu primeiro estágio de pós-doutoramento no Programa Doutoral em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e Minho em Portugal (período de maio de 2013 a outubro de 2014); e a pesquisa intitulada Processo Dramatúrgico OVO nº 13 no Caderno de Encenação de uma Artista da Floresta que lhe conferiu o cargo de Professora Titular da UFPA. Repertório teatral em circulação intermitente 2015/2016/2017/2018\2019: Esse Corpo que me veste; Rala, palhaço!; Oh de casa, posso entrar para cuidar!?!; OVO Nº 13; mEU pOEMA iMUNDO. Em breve, trará à cena o projeto QUARTELADA TEATRAL com um repertório de quatro espetáculos que ficaram em temporada durante todo o ano de 2020, no Teatro do Desassossego, um Teatro de Bolso situado no Centro Histórico de Belém do Pará. O TEATRO DO DESASSOSSEGO - Laboratório de Experiências de Vida e Arte está sob a tutela de uma administração compartilhada. Para além do campo das cênicas, busca atravessamentos entre Arte e Psicanálise, cursando a Formação Básica em Psicanálise junto ao Corpo Freudiano - Escola de Psicanálise \ seção Belém (Pará) e entre Arte e Esquizoanálise, cursando a Formação em Esquizodrama, junto ao Instituto Gregório Barenblitt, Belo Horizonte \ MG. Em Belém atua com o Programa "Poética Criatura" dando acompanhamento em processos de pesquisa em arte, processos de criação e a escuta sensível das dores psíquicas. FONTE: PLATAFORMA LATTES-CNPQ.

propus ensinar como superar problemáticas através do teatro. Pelo contrário, mostro os traumas que a arte do teatro me fez descobrir e falo sobre como aprendi a conviver com meus “pecados” durante essa fase e como tudo isso me ajudou a estar aqui escrevendo. As construções sociais sobre a adolescência são abordadas aqui através de conflitos desse período, onde cada mínimo detalhe ganha proporções enormes, os hormônios começam a tomar conta dos corpos e tudo começa a modificar na fase chamada puberdade, e cito todas as modificações que me despertam curiosidade para iniciar esse estudo de investigação.

Ressalto também que essa pesquisa se coloca de maneira memorial em diversos pontos, acionando momentos e fazendo uma busca de memórias que se tornam pesquisa e objeto em algum ponto. Para Moraes (2014, p. 3) o memorial acaba sendo uma “espécie de autobiografia intelectual e profissional de professores universitários - costuma ser exigido nos processos seletivos ou de ascensão na carreira acadêmica”

A verdade é que não há como fazer uma construção linear aqui, e nem tentei. As coisas estão muito entrelaçadas e assim devem permanecer, cada pequeno detalhe é importante para o entendimento do que aqui é abordado, e a forma como as coisas se entrelaçam seguem um fluxo natural de encontros e desencontros. Para isso uso como indutor partituras pessoais, construindo a partir de uma raiz (adolescência) uma linha de pensamento que segue o rumo que precisou seguir, portanto todos os assuntos começam a falar um sobre o outro.

Uso como foco de investigação grande parte de mim, e começo a questionar como fazer isso de maneira apropriada sem que seja apenas uma história contada, e é onde me deparo com a auto-etnografia, um conceito sobre uma etnografia de si próprio, como objeto e pesquisador de maneira entrelaçada.

Esta postura epistemológica pode ser conveniente a um grande número de praticantes pesquisadores que garantem sua unidade investigando sua própria prática artística.

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2010, p.83).

Tal citação me levou a compreender que investigações de ordem subjetiva não falam somente e exclusivamente do sujeito que aciona tais subjetividades. Ao contrário, ela permite refletir sobre um contexto macro, à medida que provoca diálogos e reflexões com diferentes áreas de conhecimento, como por exemplo, a sociologia e a antropologia. Neste contexto, a reflexão que emerge, permite revelar possíveis camadas de comportamentos sociais vividos

por adolescentes na sociedade contemporânea.

Durante minha adolescência pude observar diversos conflitos que sempre enxerguei como o fim do mundo, e parando para pensar, para mim, tudo na adolescência acabava parecendo o fim do mundo, nada é solucionável, e a forma como nossos corpos são afetados mexe principalmente com o emocional, portanto, considero como é uma jornada de recomeço.

O foco aqui é mostrar o processo de desafetos e desencontros contidos em uma trajetória de um devir professor dentro de cada uma dessas fases, e para isso acionei pesquisadores de arte educação e de algumas outras áreas de conhecimento para ilustrar construções poéticas que representam os conflitos referenciados.

Inicio essa seção, falando de mim enquanto um garoto que aos dez anos, quando passo a frequentar a igreja e a seguir os preceitos cristãos, e é quando começo a acreditar que meu corpo deveria ser morada de um deus que hoje me soa bastante irreal, e ao decorrer desse processo muitas questões começam a surgir em minha mente, sobre como meu corpo começava a despertar e junto com tudo isso, inicio a descoberta da sexualidade, ainda dentro da igreja, que por vezes foi reprimida, me impedindo de estar e conviver no grupo de arte e de continuar meus fazeres artístico, posto que uma voz raivosa gritava dentro de mim: "NÃO VAI ESTAR NO GRUPO DE TEATRO DA IGREJA ENQUANTO NÃO SE ACERTAR COM DEUS".

A religião então começa a afetar meu modo de agir e a construção social e religiosa do corpo masculino e da postura máscula me eram impostos todos os dias. Meu corpo de garoto era transformado em uma máquina de devoração feminina, e me fazia acreditar que se não desejasse todas as mulheres do mundo da mesma forma "natural do homem" que todos faziam, então eu estava distante de deus. Saliento o uso da palavra deus com letra minúscula como escrita proposital, como simbologia do rompimento entre a religiosidade e eu, quando eu assumo deus com letras minúsculas é o momento em que eu o mato.

Trataremos sobre o conceito de “Regime de Verdade” de Michel Foucault (1970), abordando as expectativas que são colocadas em torno da adolescência, onde os corpos são construídos socialmente e qualquer coisa distante disso é marginalizado, colocado como objeto de escárnio e é considerado corpo estranho. Corpo estranho esse que começo a descobrir sexualmente, descubro sobre genitália e a chance de pecar que ela lhe dava, começo a descobrir outros corpos e também a perceber coisas no contato com outros corpos e comigo mesmo. E então eu entro em processo de metamorfose e assim como a borboleta ao adentrar o casulo, eu me fecho para poder me construir sozinho, deixando que cada pedaço do meu corpo antigo ficasse em uma etapa anterior de mim e que tudo a partir daquele momento fosse

completamente novo. A minha entrada no casulo é o momento que saio para o mundo, que abro os olhos e percebo que ninguém além de mim mesmo deveria me construir.

Assim então começo uma descoberta mútua de interesses entre dois garotos, que desperta o prazer pelo pecado. Nesta etapa eu começo a descoberta da atração física, o toque com outro corpo que cada vez mais me levava ao inferno, e tudo dentro de mim começava a fazer mais sentido.

Ao mesmo tempo começo a perceber os conflitos dentro da minha família. Sou o filho bastardo, fruto de uma traição que durou quase quinze anos, e que só foi interrompida após a morte de meu pai. Alguns meses antes de eu completar quatorze anos meu pai adoeceu, após usar medicações que não foram prescritas e que o corpo dele rejeitou, o que fez com que a doença fosse atacando de forma bem rápida, e quando percebi ele já estava sem voz e não podia mais movimentar a cabeça por atrofia. As coisas só foram piorando e em três de julho ele faleceu, levando com ele uma tranquilidade que estávamos acostumados, agora tínhamos apenas o suor da minha mãe, e muitas coisas começaram a dar errado. Eu já não reconhecia nada em mim, tudo me era tristeza, nada parecia mais tão divertido, e dentre todas as minhas atividades só uma me dava prazer: ir ao grupo de teatro da escola. O teatro então começou a me chamar mais atenção, e não queria mais somente fazer por fazer.

É então que percebo que o teatro me ajudava a expressar meu corpo, na forma como começava a ter conhecimento de cada pedaço dele ao mesmo tempo em que as relações de mim com meu corpo começam a se estreitar, e aí começa a descoberta das estranhezas de um corpo adolescente, quando os pelos começam a surgir, as coisas começam a ganhar uma forma diferente e tudo passa a ser motivo de vergonha, e tudo é uma busca incessante por esconder construções extremamente naturais.

Só começo a fazer reconhecimento de todos esses conflitos quando os reconheço em outros corpos, e ao adentrar no Projeto de Teatro Juvenil da Escola de Teatro e Dança da UFPA, começo a perceber os reflexos de conflitos passados por mim, só que agora vistos de fora. Alguns iguais, outros diferentes e alguns que são a mesma situação vista de um ponto de vista diferente, e começo a perceber como o teatro me foi essencial nessa etapa e o quanto importante é expressar através do corpo tudo que está sendo sentido, e reconheço a minha função de educador de teatro e ser humano sensível. As descobertas aqui não são comparativas, acredito que são conexões necessárias para o entendimento dos conflitos através de pontos de vistas diferentes, afinal, por mais próximos que sejam os conflitos que experimentei e os que observo, eles nunca serão os mesmos, serão sempre de pessoas com particularidades únicas e pensamentos que só elas entendem.

A auto-etnografia percorre a pesquisa em busca de unir esses eventos à experiência e as visualizações, para transportar da vivência algo que possa ser passado, como cita Sylvie Fortin (2010, P.87) “lembrando que a história pessoal deve se tornar o trampolim para uma compreensão maior. O praticante pesquisador que se volta sobre ele mesmo não pode ficar lá. Seu discurso deve derivar em direção a outros”

Aciono áreas de pesquisa comportamental adolescente para falar sobre a necessidade do entendimento da adolescência para que se possa abordar com cuidado áreas difíceis de serem acessadas, sejam elas por uma questão cultural ou mesmo comportamental do cérebro humano na adolescência, e finalizo mostrando que a docência para adolescentes tende a ser mais permissiva para que se gere aproximação e logo seja eficaz.

## 2. TUDO QUE ME ERA SAGRADO: A lagarta e a religiosidade

Desde meu nascimento houve uma colocação cristã sobre mim, tudo começa com meu segundo nome, Nazareno, como Jesus. E assim, mesmo sem escolha, eu acabo dando início a uma jornada cristã que dura por muito tempo até não ser mais suficiente. A religiosidade sempre me fez questionar diversas coisas, quem eu era, quem eu deveria ser, e me fez questionar por diversas vezes a forma como eu agia.

Não há um consenso exato sobre a faixa etária que permeia a adolescência, mas existem alguns referenciais desse período:

A OMS considera como adolescência o intervalo entre 10 e 19 anos, reconhecendo como juventude o período de 15 a 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) nomeia os indivíduos entre 12 e 18 anos como adolescentes, com algumas condições que permitem tal nomeação até os 21 anos (FIOCRUZ, 2022).

Portanto não há em exato um senso comum, mas todos eles situam faixas muito parecidas. Ao iniciar essa pesquisa comecei a me questionar qual a influência da religião na construção social de um adolescente, e comecei a perceber que em um país de costumes cristãos na maioria das vezes a religião acaba sendo determinante no comportamento durante a adolescência, e as coisas nunca podem ser questionadas, tudo está sempre intocável. Aqui me permito uma reflexão sobre a letra do espetáculo musical “Spring Awakening” (O Despertar da Primavera) da Broadway<sup>2</sup>, no qual usarei trechos durante toda a pesquisa.

Tudo que é aprendido, na história, na ciência  
É subvertido na escola, em casa, por homens cegos  
você duvida delas, e logo eles latem e perseguem-no  
Até que tudo que você diz é apenas algo contra você  
tudo o que eles dizem é “confie no que está escrito”  
As guerras são feitas e de alguma forma isto é sabedoria  
o pensamento é suspeito e o dinheiro é seu ídolo  
e nada está bem, a menos que esteja escrito em sua bíblia  
(SPRING AWAKENING, 2006)

---

<sup>2</sup> Spring Awakening (no Brasil: O Despertar da Primavera) é um musical de rock sobre o despertar sexual da adolescência. É a adaptação musical da peça alemã homônima de Frank Wedekind, escrita em 1892. Situado no final do século XIX na Alemanha, o musical conta a história de adolescentes que descobrem o tumulto interior e exterior da sexualidade na adolescência. A peça original foi inicialmente banida da Alemanha por abordar assuntos como aborto, homossexualidade, estupro, abuso de crianças e suicídio. A partitura do musical é composta no estilo rock alternativo fundido com o folk. O libreto e letras são de Steven Sater e a música de Duncan Sheik. <https://rioencena.com/o-despertar-da-primavera-falsa-moral-opressao-desamor-e-hiprocrisia-inspiram-um-musical-obra-prima/> acessado em 14/04/2023.

Quando comecei a conhecer meu corpo eu era membro de uma igreja cristã protestante. Durante toda minha infância fui criado em costumes católicos, e aos dez anos de idade, por influência de uma vizinha, passei a frequentar a igreja evangélica, e lá comecei a descobrir novas coisas sobre a forma como deveria ou não agir. Durante minha infância eu sempre amei imitar personalidades femininas, surgindo os primeiros demonstrativos desse corpo teatral que colocava uma toalha na cabeça, calçava o salto da minha irmã mais velha e dizia que era a Joelma, vocalista da Banda Calypso<sup>3</sup>, e esse tipo de comportamento era normal para mim, eu adorava ser todas as personagens femininas, afinal os homens sempre me pareceram muito forçados, e os poucos personagens/personalidades masculinos que me identificava eram os considerados mais “afeminados”(utilizo o termo entre aspas para não reforçar o uso por se tratar de um termo machista criado para diminuir ou subjugar o feminino, e que só aparece na escrita como o termo utilizado comigo enquanto todas essas coisas aconteciam).

Ao entrar na igreja o primeiro impacto foi descobrir a separação cristã conservadora entre o que é de menino e o que é de menina, e então descobri que não poderia mais manter meus costumes, e então meu corpo “afeminado”, que rebojava e adorava saltos, agora seria o corpo que deveria assumir uma “postura de homem” e assumir um novo papel social. Se olharmos para a sociologia, o papel social é um conjunto de ações que um indivíduo desenvolve como forma comportamental e que se altera conforme o local onde ele está, portanto desempenhamos diariamente diversos papéis sociais, em casa, no trabalho e etc...

O Sociólogo Erving Goffman (1994), por meio de uma linguagem teatral, buscou apresentar como se dá a interação social, destacando como em nossa vida cotidiana desempenhamos diversos papéis sociais de acordo com o que os outros esperam de nós. Ele – o autor, afirma que é possível definir papéis sociais “grosso modo, como sendo as representações de personagens que criamos e recriamos de acordo com as relações sociais que matemos em nossa vida cotidiana, com o cenário, com as nossas experiências anteriores e nossas expectativas futuras” (1994, p. 47), o que Schutz (1989) chamou de “contexto significativo” (Sinnzusammenhang). Assim, ao longo do dia representamos diferentes papéis sociais de acordo com a situação. Em casa representamos o papel de marido ou de filho, mas

---

<sup>3</sup> Banda Calypso foi uma banda brasileira de calypso, com influências de ritmos regionais do estado de origem. O conjunto foi formado em Belém no estado do Pará, no ano de 1999, pela cantora e dançarina Joelma Mendes e pelo guitarrista e produtor musical, Cledivan Almeida Farias, mais conhecido como Ximbinha. Gêneros: Metal progressivo, Groove metal, Forró. Origem: Belém, Pará (1999). Em atividade até: 2015. Ex-integrantes: Joelma Mendes; Ximbinha. Fonte: [https://www.google.com/search?q=banda+calypso&rlz=1C1OKWM\\_pt-BRBR924BR924&oq=banda+calypso&aqs=chrome.0.0i271j46i131i433i512j46i512i3j0i512j46i512j0i512i2j46i512.6445j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=banda+calypso&rlz=1C1OKWM_pt-BRBR924BR924&oq=banda+calypso&aqs=chrome.0.0i271j46i131i433i512j46i512i3j0i512j46i512j0i512i2j46i512.6445j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8), acessado em 15/04/2023

ao sair para comprar pão aquele papel anterior não mais será representado. Nesse estante o papel a ser representado será o de consumidor. Para cada situação um papel social diferente será representado pelo indivíduo. No ambiente de trabalho os indivíduos inseridos nesse ambiente tenderão a esperar uns dos outros um determinado comportamento, assim como tendo consciência dessa exigência tenderão a atuar em conformidade com o esperado.

As instituições religiosas mantem uma doutrina rigorosa quanto à postura de seus fiéis, e quando se trata de adolescentes, há toda uma mistificação do corpo, e é construído uma bolha de o que se pode ou não falar. Ensina-se então uma política de privação sexual, onde nada pode ser dito enquanto educação sexual ou sobre questões que não são aceitas pela bíblia, e em hipótese alguma ela deve ser discutida, e isso acaba reafirmando posturas que prejudicam o desenvolvimento já que o não conhecimento dos corpos e os conceitos de bom e mau instaurados pela igreja cristã só são válidos quando convém. A adolescência é um processo de descobertas, e o corpo começa a modificar, pelos começam a crescer, as genitálias se desenvolvem e começam a produzir hormônios que começam a agir no comportamento, e dentro das igrejas são propagadas doutrinas machistas. Para as meninas é necessário esconder tudo, nada pode estar à mostra, esconder os seios com sutiã, esconder o corpo com roupas mais compridas, e tudo deve ser extremamente “feminino”, e tudo que foge a isso acaba sendo excluído.

Como exemplo, na igreja que eu frequentei haviam diversas posturas machistas em relação ao corpo das meninas, cito aqui o Grupo de Adolescentes (parte da igreja que se dedica a educação cristã de adolescentes), dizendo que elas não podiam ir à "casa de deus" vestidas de forma que pudesse levar um irmão a pecar, e se isso acontecesse, automaticamente elas seriam culpadas, fazendo com que as meninas então buscassem formas de serem santificadas. Para os meninos, é necessário assumir “postura de homem”, portanto é necessário que se olhe para outras garotas como objeto sexual, e caso isso não aconteça a sua masculinidade é questionada, independente da idade, é necessário que se sinta atração por garotas, e nem sequer pensar em nada além disso, e caso aconteça algum desvio, se deve buscar rapidamente voltar à deus.

Ao iniciar a construção do processo de investigação pensei sobre como transmitir a mensagem de alguém que buscava santidade, sem apelar a símbolos óbvios em sua estrutura natural, e começo a escrever e pensar em como meu corpo reagia à esses conflitos, fazendo a união do sagrado e do profano.

Para iniciar o processo de criação, começo a buscar signos que trouxessem mensagens durante esse período, e encontro o primeiro conflito: como questionar os símbolos

sagrados, os quais fui ensinado a nunca questionar e nem sequer pensar em questionar. Pensamento esse que surge de construções diretamente afetadas pela religiosidade, mesmo anos após deixar as doutrinas, mesmo anos após meu desencontro com a divindade que me amaldiçoou por anos.

Essas construções afetam as relações sociais da vida adolescente, já que segundo a religião é totalmente errado amar outro homem, sequer como amigo, e para que a heterossexualidade não seja desmanchada como sonrisal é desmanchado em água, é proibido achar outro homem bonito, no máximo se deve achar “simpático” ou “presença”, coisas da qual fui obrigado a aceitar para continuar santificado.

Começo a perceber parte dessas construções refletidas atualmente ao entrar no projeto de Teatro Juvenil da Escola de Teatro e Dança da UFPA, onde os abraços entre meninos são sempre dados de ombro com ombro, onde as meninas estão sempre se colocando ao local de serem vistas como “femininas” e quem está fora disso acaba sendo parte isolada. Desde que cheguei ao grupo como professor, percebi que haviam divisões claras, de meninas contra meninos, de meninos contra meninos, de meninos e meninas contra uma única pessoa e etc... E em uma das primeiras aulas, lembro de ver uma aluna sentada em um canto, isolada, sem conversar com nenhum outro aluno durante o intervalo de dez minutos que eles recebem no meio da aula, e então fui até ela, que estava no celular provavelmente conversando com outras pessoas, e comecei a conversar, e pude perceber que a falta de contato a acabava inibindo, e a partir do momento que estabeleci um contato direto ela começou a desenvolver uma conversa muito natural, até que em certo ponto da conversa ela me disse que era de Igreja Evangélica, e começo a reconhecer a inibição em um novo corpo como reflexo de tudo aquilo que já passei, seus costumes então estavam um pouco distantes dos outros alunos da turma, e isso a tornava distante.

Figura 1 - Divulgação do espetáculo “Vire a lata”



Fonte: Acervo Pessoal

E assim pude perceber que o comportamento adolescente acaba sendo fortemente influenciado pela religião cristã quando esses preceitos são colocados como doutrina principal, e isso acaba alterando diversas áreas da vida de um adolescente, nada é perdido aos olhos de deus, e quando pensamos em sair da caixinha já garantimos uma passagem só de ida para ao tão temido inferno. Quando se trata das descobertas sexuais e amorosas, tudo acaba sendo escondido e colocado debaixo do tapete, nos ensinam palavras escritas por homens há muito tempo atrás e no fim acabam não dizendo nada sobre amar.

Costumes religiosos são construídos em função de manter a ordem, não há interesse para o cristianismo em questionamentos e saídas da caixinha do que foi escrito no livro sagrado. Questionar a Bíblia é levar o corpo ao pecado imperdoável de blasfêmia, é como questionar a existência de deus, mas aí começam a surgir conflitos que me fazem refletir se deus está mesmo tão vivo.

### 3. A NATA E O CREME: a entrada no casulo.

Desde muito novo sempre fui fã do amor, seja o que assistia na tv ou o que presenciava da forma mais torta possível, sempre estive cercado de referências amorosas e todas me eram muito fortes, via o amor nos filmes, via meus avós que se amavam, via casais na rua que estavam juntos e tudo me parecia um mundo de amores. Também presenciei diversas decepções e por ser muito novo não as entendia da forma que entendo hoje, não sabia que essa trajetória também seria minha ou que eu me tornaria um desses corpos desiludidos, desamparados, sem esperança e principalmente sem amor.

Nasci em uma família de costumes católicos, e por algum acaso nasci no dia treze de outubro, então em alguns anos o Círio de Nazaré era celebrado no dia do meu aniversário, e tínhamos o costume de ir no sábado de círio pela manhã para a Avenida Presidente Vargas no centro de Belém, acompanhar a subida da escadinha da imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Por anos, eu, minha mãe e meu pai íamos até lá para ver a passagem da imagem e depois andar pelas ruas do centro comercial em busca de presentes de aniversário. Essa era uma das poucas ocasiões em que via meus pais juntos, afinal de contas minha mãe era uma amante e eu cresci ouvindo que era filho de um desvio, filho da amante, filho de “sei-lá-quem” como dizia a esposa de cartório de meu pai. Por muitos anos presenciei essa relação de amor reprimida, e na cabeça de um garoto de nove anos passavam milhares de perguntas. Qual o erro? O que impede?

Quando eu falo do meu pai, eu falo de um Português que veio pro Brasil próximo aos 30 anos, onde construiu família, trabalhou como contador, e viveu até o último dia de vida. Ele pouco aparece na narrativa pois os fatos aqui citados começam a se intensificar de verdade e pesar quando nossa convivência era rotineira, o via algumas vezes na semana, mas não havia um afeto e convivência, o que acaba tornando ele ponto pouco crucial no desenvolvimento de todos os acontecimentos.

Meu pai conheceu minha mãe em uma banca de jogo do bicho, ela trabalhando e ele apostando, e essa relação foi sendo construída do lado de fora de uma outra vida, do qual ambos sabiam mas não se importavam. Ele era casado com uma enfermeira, com quem tinha três filhos: um mais velho, que levava o mesmo nome do meu pai, uma filha do meio e um filho caçula, que morreu em um acidente de carro com vinte e poucos anos. Nunca tive contato com nenhum deles, eu era o bastardo, sempre fui tratado dessa forma pela família dele, ouvi por vezes que eu era o golpe da barriga de algum suposto plano armado pela minha mãe. Não guardo mágoas de nenhuma dessas situações, ao mesmo tempo que as acho injustas,

entendo as motivações. Talvez os fatos que narro tivessem um tanto a mais ou a menos de emoções se ele não tivesse partido cedo.

Então comecei a frequentar a igreja evangélica e percebi que os costumes eram totalmente diferentes, lá não se podia nada, menos ainda se podia amar. Comecei a frequentar a igreja em um evento chamado E.B.F (Escola Bíblica de Férias), onde adultos da igreja planejavam programações para crianças no mês de julho, e a E.B.F foi o que me fez querer continuar frequentando a igreja, pela memória do período que eu me senti confortável e pude brincar. A trajetória na igreja então começou a acontecer, e logo depois, aos treze anos pude entrar no grupo de adolescentes, que tinha um ritmo diferente, onde todos aprendiam coisas que já não eram “tão infantis”, afinal de contas o medo de quase todo adolescente é ser infantil demais, e eu queria me encaixar onde meus amigos que moravam na mesma rua que eu estavam, todos meus amigos já eram pelo menos dois anos mais velhos que eu e já estavam no grupo de adolescentes, e foi lá que comecei minha descoberta.

A coordenadora do grupo resolveu montar um musical de natal no qual acabou precisando de mais adolescentes para o grupo ficar maior e então convidou alguns adolescentes de outras congregações para nos ajudar, e um desses adolescentes foi meu primeiro pecado, me fez sentir uma sensação estranha, mas eu estava em uma igreja, e aos treze anos não via as coisas de forma tão larga, eu sabia o nome, e sentia vontade de saber mais sobre, e aí os pensamentos começaram a entrar em conflito, e muitas dúvidas são respondidas por coisas como "talvez eu só queira um amigo", mas a verdade é que eu não sabia ao certo, algo naquele garoto me fazia sentir diferente. Me aproximei, afinal não é muito difícil fazer amizade com alguém que entrou em um grupo do qual eu já fazia parte, ele estava sozinho ali, eu então aproveitei a situação para ganhar um amigo novo. Um de meus melhores amigos na época era meu vizinho, e ele era (entre os amigos) assumidamente gay, mesmo não entendendo direito o que era, eu sabia que ele gostava de meninos, e não via problema nisso, mesmo que nos cultos e pregações escutássemos que Levítico 18;22 nos alertava sobre a abominação de se deitar com outro homem como se deita com mulher, mas esse discurso sempre foi estranho, afinal uma das melhores pessoas do mundo pra mim era meu amigo, e não entendia a abominação nisso, onde morava o erro? Paro pra refletir sobre a Bíblia e sobre quando ela foi escrita, e sobre como as relações de poder influenciam a manutenção do sistema cristão até que se surjam dados comprobatórios para fabular os escritos, pois o mesmo livro que abomina meu corpo e endemoniza meus sentimentos também diz sobre a relação de Davi com Jonatã, onde em alguns trechos cita entre os dois uma relação de extrema proximidade, que é por algum motivo subvertido em “costumes da época” para explicar o

trecho que diz que Jonatã se despiu de todas as roupas para deitar-se com Davi e segue dizendo em Samuel I que ele ‘inclinou-se três vezes, e beijaram-se um ao outro’. O mesmo livro sagrado que estimula o geocentrismo e fez com que religiosos o afirmassem por anos, levando à pena de morte quem discordasse da hipótese, indo totalmente de contra a dados científicos que comprovam que a terra gira em torno do sol e não o contrário. Também o mesmo livro que afirma que a terra possuía apenas quatro mil anos quando Cristo nasceu, também indo de contra as pesquisas que comprovam que a terra tem em média 4,5 bilhões de anos. Como confiar cegamente em um livro que foi, é, e continua sendo desmentido e colocado em dúvida?

Então a dita abominação chegou até mim em uma de minhas conversas com o novo garoto do grupo, que me fez provocações sobre corpo, me falando sobre a forma correta de masturbação, e aí o eu garoto de treze anos que nunca havia experimentado nenhum pedaço de pecado começou a perceber o que acontecia, começou a entender os desejos em relação àquela amizade, eu estava sentindo algo por aquele garoto, mesmo que aos treze anos não se tenha um discernimento exato do que é apaixonar-se.

E foi com isso que iniciei um período de orações para que deus afastasse de mim todos aqueles malditos sentimentos, a abominação não me pertencia, e eu não queria ser uma aberração. Comecei a me afastar do garoto e mantive meus pedidos em oração, aí então resolvi conversar com meu amigo que era gay, afinal na minha mente ele sabia muito mais que eu, eu tinha treze e ele quinze, eu confiava no que ele me dizia e sempre escutava os conselhos dele, e ele me disse para tentar, e foi aí que eu entrei em conflito, não podia gostar de um garoto, deus não permitia, mas eu sempre ouvia seus conselhos, a palavra dele me parecia mais sábia que a do presbítero que me dizia que deitar com outro homem era um ato de abominação. Meu corpo fervilhava, eu via o garoto nos cultos e sentia fervores enormes sobre todo o corpo, era como se todas as intimidades que ele me contou fizessem meu corpo estremecer a ponto de quase explodir.

E então eu tentei, mandei mensagem outra vez, e na primeira oportunidade levei a conversa para o lado abominável da coisa, e então ele retribuiu, e começamos a falar sobre coisas inapropriadas, e a cada mensagem meu corpo estremecia como se deus estivesse saindo de mim e eu estivesse sendo possuído pelo demônio, e a sensação de ser possuído era ótima. Me joguei, me entreguei, fui possuído e me deixei ser demônio, e a cada *sms* trocado eu me sentia mais liberto, e em minha mente eu repetia que não era gay, eu só queria ele.

Estava tudo incrivelmente bem, eu acreditava estar entendendo sobre tudo que meu corpo estava falando, não sabia nada sobre educação sexual, não sabia nada sobre sentir tesão

ou sobre aqueles calafrios que me cercavam, mas eu sabia que era uma sensação diferente, completamente nova, e eu estava gostando, até que tudo mudou.

Um dia antes de ir ao ensaio do coral de adolescentes, recebi uma mensagem dizendo que deveria chegar mais cedo no ensaio, sozinho, para conversar com a coordenadora do grupo de adolescentes, e eu logo fiquei apavorado, mandei mensagem pra ele e soube que a mãe havia lido nossas mensagens de texto, comunicado à coordenadora do grupo que eu estava desviando o filho dela, e então eu fui chamado, afinal de contas ele era filho do braço direito do pastor da igreja, o erro não estava nele segundo a mãe, estava em mim. E eu fiquei desamparado, e naquele momento o medo era a pele que me cobria, e eu corri até a casa do meu amigo e contei para ele a situação, ele disse então que no outro dia iríamos juntos para o ensaio e ele conversaria com a coordenadora junto comigo. Fomos ao ensaio, meu corpo agora fervendo de medo, mesmo sem estrutura psicológica e emocional de nenhum de nós dois, enfrentamos a coordenadora, dissemos que não sairíamos do grupo, fizemos ela entender que eu não era o único “errado” naquela história, e então pudemos ficar, mas eu estava proibido de falar com ele e deveria pedir perdão à deus por tudo que havia dito.

Mas aquelas sensações não saíam de mim assim, meu corpo fervilhava a puberdade entranhada em minhas veias, eu estava em um processo de descoberta do meu corpo, sem entender nada do que estava acontecendo, tudo sendo feito da pior maneira possível.

Uma semana depois, o garoto que agora já não era mais novo, começou um misterioso namoro incentivado por seus pais com uma das garotas do coral, que morava na mesma rua que eu, e então ele começou a frequentar minha rua para ir visitar a namorada, e aí meu corpo em estado alterado de sentimentos reagiu. Eu ainda estava ali, mas a sensação era diferente, não era só tesão, não era só carnal, era maior que isso.

Descobri então sobre uma sexualidade que me era privada, da qual eu não podia falar e nem sequer pensar, e olhando de fora hoje, pude ver como tudo seria menos difícil se eu mesmo não me considerasse abominável, se eu não tivesse sido ensinado a pensar coisas tão cruéis sobre mim. Atualmente a influência das entidades cristãs nas descobertas sexuais da adolescência acabam reprimindo desejos e vontades e as transforma em abominação, e dentro das igrejas cristãs espalhadas pelo mundo existem diversas práticas inaceitáveis que buscam conversão de adolescentes considerados “confusos”, prática essa que envolve momentos causadores de traumas para um adolescente, como obrigar meninos a perceberem que não gostam de outros meninos buscando estímulos de uma masculinidade não presente, e com as meninas é necessário que se torne feminina aos olhos de deus e perceba onde “pecou”. Para quem está de fora não se dá pra enxergar com clareza tudo que acontece ali de forma velada,

onde igrejas pedem apoio total para ajudarem pessoas que buscam “tratamento”, o que chegou a ser chamado de projeto “cura-gay”<sup>4</sup> por participantes de entidades religiosas.

Falo de nata e creme no sentido literal de ambos para simbolizar o que há de mais saboroso, mas que demasiadamente consumido pode causar confusão e indigestão, o que acaba sendo um discernimento ainda não adquirido pela falta de experiência com esses prazeres.

A falta de liberdade altera os preceitos de um adolescente e o faz acreditar ser errado amar outro, e isso acarreta em falta de conhecimento sexual, seja por medo dos pais ou inibição do próprio adolescente, o que acaba findando em situações indesejáveis, aumentando o número de jovens que adquirem IST's, o número de adolescentes que se tornam pais ou mães muito cedo, e aumenta exponencialmente os casos de abuso sexual, já que se faz de forma não instruída, e sem instrução não há conhecimento, não há como um adolescente discernir o que deve ou não ser feito, afinal ele pouco realmente sabe sobre o assunto. Atualmente a internet é um mecanismo que pode ajudar nessa descoberta, por disponibilizar material sobre educação sexual, mas a quantidade de informações que a internet fornece pode também atrapalhar na seleção de o que realmente está certo, por ser um lugar onde todos podem publicar coisas que serão compartilhadas e distorcidas, causando um conflito de informações.

A cabeça de um adolescente atualmente está muito mais propensa a todo tipo de informação, e considerando a atual situação do nosso país, acabam tentando o tempo todo se encaixar em um regime de verdade que é tido como padrão, segundo explica Foucault:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2008a, p. 12).

O regime de verdade acaba ditando a forma como alguém deve ou não se desenvolver,

---

<sup>4</sup> O projeto Cura Gay, também conhecido pelos nomes Terapia da Reorientação Sexual, Terapia de Conversão ou Terapia Reparativa, consiste no conjunto de técnicas que tem o objetivo de extinguir a homossexualidade de um indivíduo. Tal conjunto de técnicas inclui métodos psicanalíticos, cognitivos e comportamentais. Além disso, são utilizados tratamentos de ordem clínica e religiosa. O assunto se tornou extremamente polêmico por se referir à orientação sexual como uma doença, já que a palavra CURA implica a eliminação de um “mal”. Entretanto, desde a década de 90, a OMS (Organização Mundial da Saúde) descartou qualquer possibilidade de que a orientação sexual dos indivíduos esteja relacionada à uma doença. Assim sendo, a OMS determinou que a homossexualidade pode ser definida como uma variação natural da sexualidade humana e não deve ser considerada como doença. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/> acessado em 16/04/2023

como deve falar, com quem deve andar, o que deve ou não experimentar, e os sentimentos nunca são reais, o que os leva a construir um futuro baseado em regras do passado. Vivemos em uma sociedade de culturas diversas, quase todas pautadas em vertentes religiosas ou de culturas machistas, racistas e lgbtfobicas, nosso regime nos tira do centro a todo momento, estamos a margem dele, todas essas questões afetam o crescimento. Procuro perceber isso dentro do grupo de teatro juvenil quando percebo a dificuldade no contato com o corpo do outro, onde cada toque no corpo de um colega acaba sendo bem mais do que um simples toque, e quando eles saem dos jogos e exercícios que necessitam de contato físico, pois aquilo ainda é um tabu, um mistério, e o corpo do outro é zona proibida, e zona que mesmo para um aperto de mãos em um exercício não deve ser acessado.

A busca pela *nata e o creme* é vista como abominação, e é levado para a margem do regime de verdade, os tornando marginais, somos marginalizados em um regime que dita diariamente a heterossexualidade como base e perfeição, e tudo que se busca é entender o motivo para o pecado, entender qual a diferença entre seus corpos e o corpo de outra pessoa, entender onde se encaixam. No final de tudo acabam não se encaixando em lugar nenhum, e ficando à margem e lá experimentam tudo que não é aceito dentro do regime, e após muitas tentativas descobrem que não há problema em saber quem são, o problema é se perder de si mesmo, se manter sem liberdade, e tudo por causa de um livro escrito há mais de três mil anos, em uma sociedade de costumes e conhecimentos muito diferentes da atual.

#### 4. O VERÃO VERMELHO

Não há uma exata explicação de quando chegou, ou como, veio em um dia comum como outros, sem avisos ou preparo, é uma sensação de tristeza que preenche o corpo inteiro, causada pela mudança que o corpo sofre durante a adolescência.

Existem conflitos em mudanças, e quando falamos em passar da infância para a adolescência, há mudanças bruscas que começam a moldar quem seremos. Acredito que muito depende de como recebemos cada informação em nosso corpo, os conflitos e desentendimentos do que acontece naquele momento gera questionamentos de personalidade e identidade, podendo resultar em conflitos maiores.

Quando começo a pensar sobre como retratar essa etapa, surgem signos sombrios demais, e acho que retratar apenas como escuridão não seria o ideal, há também momentos de felicidade em tudo isso, não nos lugares ruins em si, mas há momentos felizes entre um momento triste e outro, há mais do que apenas tristeza quando falamos de depressão, e começo falando sobre isso, retratando a diferença entre os clarões intensos e a escuridão absoluta. Comparado aos dias de chuva que de repente são interrompidos por um dia ensolarado, assim é em mim, há dias de muita chuva, que acaba inundando e alagando tudo, que transborda mais que deveria em mim, preenche espaços que antes nem eram acessados, dias esses que aguardo ansiosamente pela chegada do sol, aguardo por um pouco de tranquilidade e paz.

Segundo Jeremy Holmes (2005, p. 65) ‘Para o depressivo, o mundo interior está despedaçado e talvez o mundo exterior também pareça estar’, o que explica sobre as alterações do mundo ao meu redor em dias de chuva, tudo começa a desmoronar, e as construções internas desabam tentando levar o externo junto.

Em se tratando do contexto adolescência há um prejuízo maior quanto à depressão e ansiedade, já que se trata de uma fase de alterações hormonais e metamorfose do corpo que começa a deixar de ser infantil e passa a se preparar para a entrada em um corpo adulto com instintos sexuais. As alterações hormonais no corpo causam as distintas sensações antes não experimentadas, e o que para alguns passa a ser um prazer, por facilidade e conhecimento precoce do próprio corpo, para outros se torna um conflito de perguntas, sem nenhuma resposta sobre o que acontece ou sobre o que o leva aquele estado. “Quem sou eu?” começa a ecoar na cabeça de um adolescente que sem rumo se sente um desconhecido, a ausência de si afeta em lugares antes inexplorados, e algumas vezes as respostas demoram a aparecer.

Em contextos externos para mim, era época do ensino médio, quinze anos e recém

assumido, o mundo inteiro era meu inimigo, ninguém mais estava ao meu lado, e por muito tempo todos os problemas eram sobre mim de alguma forma. A arte já reverberava em meu corpo, de maneiras que agora reconheço como meios artísticos, mas na época me eram apenas pontos de fuga de coisas que me assombram sem eu sequer notar a presença.

Há um processo de entendimento do próprio eu, enquanto corpo e personalidade que passa a ser parte muito importante do presente, se questionar sobre quem é ou sobre quem vai ser, fazem parte de um início de processo ansioso que visa adiantar fases que não devem ser adiantadas, já que fazem parte de um processo de crescimento e desenvolvimento natural. Mas como retirar de corpos o peso de serem vistos pela primeira vez ou de serem apresentados ao social adulto?

De acordo com Strauss (2014) a adolescência é caracterizada pelo início de alterações corporais que finalizam aos vinte e cinco anos, quando adquirimos a maturidade cerebral completa. Cientificamente falando, há mais na atitude de um adolescente do que escolhas comportamentais, e isso se observa como característica universal mesmo que em lugares e tempos, e até espécies diferentes, então o grande questionamento é: se não se trata de postura cultural ou comportamental, de onde surgem as confusões da adolescência? Existem respostas dentro da neurociência que explicam mais sobre o comportamento cerebral de um adolescente, e por se tratar de uma fase de mudança, é um momento de extrema importância na reorganização neural e em fatores que afetam diretamente nossa construção de personalidade. Entre os fatores mais comuns da adolescência, seja em seres humanos ou em algumas espécies animais, estão:

- A necessidade de correr riscos
- A busca por estímulos constantes
- A organização em pares ou grupos

Para entendermos melhor o que causa esse tipo de comportamento precisamos falar sobre duas zonas cerebrais: o sistema límbico e o córtex pré-frontal, responsáveis por funções cerebrais importantes na alteração do comportamento adolescente como cita Alessandra Strauss (2014, p. 24) “As mudanças que acontecem na adolescência são disparadas e coordenadas pelo cérebro, ou seja, o comportamento do adolescente é resultado de um cérebro adolescente”

Ainda segundo essa autora, o sistema límbico é responsável pela memória, e estando ele localizado próximo da amígdala, uma estrutura responsável por produzir emoções, acabamos tornando as memórias carregadas em emoções mais fáceis de lembrar do que memórias neutras, portanto toda memória exagerada em sentimentos acaba sendo mais

intensa e forte. O córtex pré-frontal é o último a amadurecer, portanto na adolescência ele ainda está em formação, e por ser o responsável por diversas funções cerebrais como tomada de decisão, autocontrole, planejamento, atenção, organização, controle de emoção, de riscos e impulsos, automonitorização, empatia e resolução de problemas, acabamos acessando áreas já formadas para assumirem as funções que depois serão de responsabilidade dele. Além desses sistemas, também existe durante a adolescência um nível muito baixo de serotonina e dopamina (neurotransmissores responsáveis pela sensação de prazer e bem-estar), que aliados aos níveis altos de hormônios fervendo no corpo, acabam contribuindo para explosões emotivas mais agressivas e impulsivas.

Neste sentido, entender o comportamento corporal, seja através de hormônios ou funções cerebrais, são de extrema importância quando adentramos o campo da docência. É importante conhecer o comportamento e suas motivações para que saibamos agir e lidar com possíveis situações que tendem a surgir quando falamos de lecionar para adolescentes, como cita Niederauer (2014, p. 24) “quanto mais os educadores conhecerem os processos de funcionamento do cérebro, maior será a relação estabelecida com a aprendizagem e com o manejo”

Quando comecei a estagiar no grupo de teatro juvenil da escola de teatro e dança da ufpa, tinha acabado de fazer dezenove anos, ainda nesse processo de entendimento do que é o início da vida adulta, logo o entendimento como educador ainda era distanciado, e só começa a aproximar ao entender as questões que cercavam os alunos para além de mim e das minhas experiências, identificando os corpos como distintos e individuais para além das características que os unem como totalidade.

Acredito ser importante contextualizar quem são esses adolescentes: estamos falando de um projeto de extensão dentro de uma instituição pública, integrada à universidade federal do Pará, aberto para a comunidade, logo participavam do grupo cerca de 30 adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos de todas as raças, classes sociais e sexualidades (Figura 2) uns mais tímidos que outros, alguns que nunca pisaram em uma sala de teatro e outros que já participavam do programa desde o grupo infantil (para crianças de 7 a 12 anos), alguns alunos já usando o celular como ferramenta principal, outros que nem acesso ao celular tem, o que causa um conflitos de gerações.

Figura 2 - Sala de Aula



Fonte: Acervo Pessoal

Observar e entender as fases de desenvolvimento da adolescência ajuda na comunicação professor-aluno, porém se tratada de maneira distanciada acaba causando estranhamento e apartação, quebrando o contato que deveria ser utilizado a favor de ambos para valorizar unicamente a postura do educador. Todo adulto já foi adolescente um dia, não há como dizer o contrário, mesmo que com vivências diferentes e talvez sem experimentar todas as etapas e confusões, embora as características universais do desenvolvimento comportamental ajam para todos, existem variações conforme os costumes e culturas vão se diferenciando.

Alguns dos costumes mais antigos depositados como expectativas em cima de adolescentes são conhecidos mundialmente, sejam eles tratados como ritualidade ou celebração de passagem. Bar Mitzvah, Quinceañera (ou baile de debutante) e vários outros ritos de passagem são meios que cada cultura encontra de apresentar seus adolescentes à sociedade, como forma de mostrar eles ao mundo pela primeira vez. Logo cada um desses varia conforme os costumes e crenças do meio que o adolescente vive, essas variações surgem pois a forma como enxergamos o amadurecimento varia, enquanto em algumas culturas aos treze anos um jovem já é considerado pronto para ser apresentado ao mundo, em outras isso só acontece aos quinze anos, e enquanto algumas sociedades consideram seus adolescentes aptos a tomar decisões e responderem por si sós aos dezoito anos, em lugares como os EUA só se podem exercer algumas atividades consideradas de responsabilidade adulta após os vinte e um, e essa grande diferença mostra como expectativas são colocadas em cima dos corpos que estão ao mesmo tempo tentando entender a si mesmos.

Então se todo adulto já foi adolescente um dia, logo os educadores terão suas

vivências pessoais dessa fase também, sejam elas amadurecidas por já terem ocorrido a bastante tempo, ou como em meu caso, recentes e ainda confusas, sem muito conhecimento de questões que atualmente consigo observar com maior clareza de um ponto de vista distanciado, entendendo as experiências pessoais e tendo em vista as diferenciações de corpos. Se cada adolescente tem em si um universo de acontecimentos, um coletivo de adolescentes acaba então sendo um coletivo de acontecimentos simultâneos, o que demanda cuidado e entendimento de quem comanda o grupo, e se tratando de um grupo de teatro voltado para a adolescência, onde tudo que aflora pode e deve ser esvaziado, é necessário um entendimento ainda maior, capaz de conduzir os integrantes a se expressarem artisticamente, tarefa essa difícil quando não se reconhece por completo. É função do educador identificar as alterações e fazer uso das especificidades para que cada aluno se sinta acolhido de sua própria maneira, sem julgamento e sem grandes impasses, e para que isso ocorra de maneira bem sucedida é necessário o acesso a uma pedagogia de ensino capaz de destronar as funções sociais de opressor e oprimido, enquanto a relação professor/aluno que antes estava em distanciamento e agora está cada dia mais fadada ao fracasso, tendo em vista que as relações de poder deixam de fazer sentido quando questionadas ou colocadas em dúvida por ambos os lados. É sobre a pedagogia do oprimido que precisamos pensar ao reinventar o espaço de sala de aula enquanto educadores e artistas, funções essas que não são desassociadas e não se anulam em seus devidos fazeres, pelo contrário, se completam e são mais fortes quando associadas, quebrando o sistema antigo, porém bastante atual, de narrador e ouvinte gerado dentro de sala de aula, como cita Freire (1987, p. 37)

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos.

Para desmanchar a instituição criada, precisamos em primeiro lugar adentrar ela, conhecer por dentro todas as estruturas que a mantêm em pé, para só então começarmos um desmonte de pensamentos que focam na construção hierárquica com único intuito de manutenção da relação entre opressor e oprimido. A educação precisa de moldes novos, que abram espaço para mais diálogos entre professores e alunos, abrindo espaço para criações e construções individuais que completam e contemplam ou não um coletivo, e para isso é necessário exercitar a escuta para além de apenas ouvir, como forma de entender necessidades

e fragilidades, se colocando em local de igualdade mesmo que servindo de referência em certos momentos.

A Docência demanda mais do que entender um conteúdo e repassá-lo, é necessário um entendimento da unidade com que se troca, estabelecendo um entendimento de que a arte por si só já educa sem muito se esforçar em ser arte-educação, partindo do pressuposto de que a arte ensina através de sua própria e exclusiva linguagem, e quando aliada ao campo educacional dentro de sala de aula pode se expandir a níveis muito mais eficazes. Mas para que surtam efeitos em termos de importância da arte como fator educação, é preciso iniciar um desmonte de um sistema que apenas se utilizava da arte para lazer, anulando do cotidiano, como citam Hansted e Gohn (2013, p. 209):

O ensino do teatro e também das demais linguagens artísticas (música, dança e artes visuais) é ainda hoje, no Brasil, influenciado pelas tendências “tradicionalista” e “escolanovista” que caracterizaram as práticas pedagógicas nacionais na primeira metade do século XX. Naquela época, em escolas tradicionais, o teatro era utilizado apenas em festividades escolares, na celebração de datas comemorativas. Para essas ocasiões, os alunos realizavam apresentações, para as quais decoravam textos e tinham seus movimentos cênicos rigorosamente marcados”

O modelo de ensino que visa o teatro para fins apenas de entretenimento acaba por não suprir todas as demandas que a arte-educação propõe, e como a utiliza apenas como meio e não como finalidade, acaba gerando conhecimentos e descobertas rasas dentro da arte. É preciso estar atento e aberto para as novas possibilidades de educar, buscando didáticas de ensino que enxerguem os alunos como parte individual e não apenas coletiva.

Ao lecionar para adolescentes, começo a entender reflexos de docência que eu gostaria de ter experimentado quando iniciei teatro na escola ainda, quando tudo ainda era muito confuso e tudo ainda estava começando a florescer, vi em meus alunos os olhos da confusão enquanto se sentiam excluídos seja pelos demais alunos, ou mesmo na divisão de papéis e cada mínimo detalhe que passa despercebido do lado de cá, onde agora assumo o papel de professor, acaba sendo um amontoado de sensações e questionamentos sobre si mesmo nos pensamentos de um adolescente, e é função do educador facilitar esse processo cada vez mais, talvez agora meu intuito seja me tornar o professor que gostaria de ter, e para isso não há poção mágica ou feitiço, é necessário entendimento por parte da docência. Quanto mais sabemos sobre o público o qual queremos trabalhar, maiores são as possibilidades de comunicação e entendimento

mútuo.

## 5. DEVIR BORBOLETA

Logo após iniciar a pesquisa fiquei me perguntando sobre minha escrita, sobre o que falaria e principalmente como transformaria isso em poética, até que certo dia fui até a casa da minha tia onde minha mãe trabalhava, e minha mãe sempre foi muito ligada ao jogo do bicho, e tudo que ela sonha pode virar dinheiro segundo ela, todos os sonhos são proveitosos, e nesse dia ela me disse que havia perdido no bicho por “burrice”, eu perguntei o motivo e ela me respondeu que havia sonhado comigo e sonhar comigo sempre dava borboleta. No momento que ela falou isso eu não me atentei, segui a vida normalmente, mas em algum momento após isso eu parei para pensar sobre ser borboleta, e lhes explico sobre minhas conclusões.

Sou borboleta por natureza, nasci para ser e nada poderia mudar isso, e ninguém além de mim poderia me mostrar o caminho, esse era meu Devir, aquilo que para Deleuze estava destinado a ser ou que de alguma maneira se torna ser conforme os fatos e acontecimentos e que acontece como um fluxo natural, segundo explica Zourabichvili (1997):

“Devir” é certamente e em primeiro lugar mudar: não mais se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira; não mais fazer as mesmas avaliações. Sem dúvida, não mudamos a nossa identidade: a memória permanece, carregada de tudo o que vivemos; o corpo envelhece sem metamorfose. Mas “devir” significa que os dados mais familiares da vida mudaram de sentido, ou que nós não entretemos mais as mesmas relações com os elementos costumeiros de nossa existência: o todo é repetido de outro modo. (p. 01 - 1997 - traduzido por Diogo Corrêa Silva)

A verdade é que eu deviria à borboleta em qualquer lugar ou espaço, todas as fases e escolhas me trouxeram a esse momento, e cada experiência positiva e negativa acabou me formando em pensamento crítico sobre ser professor e sobre a experiência de lecionar para adolescentes, e para a expansão desse pensamento crítico é necessária uma reflexão crítica sobre professor como cita Freire (1996, p. 21):

O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação, mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica.

Lecionar em artes demanda toque sensível e cuidado, mas também exige

conhecimento aprofundado de para quem se leciona, e se tratando desta pesquisa, o ponto principal é falar sobre a importância de se conhecer o processo de desenvolvimento corporal e comportamental que ocorre durante a adolescência, sejam as etapas iniciais que são muito influenciadas por memórias de infância, ou as mais próximas do início da fase adulta. Quando falamos de fases influenciadas pela infância, observamos questões decorrentes do descobrimento da individualidade do pensamento e do início da criação da personalidade, já as etapas mais próximas a entrada para a vida adulta são responsáveis por decisões e amadurecimentos que irão guiar toda uma nova etapa da vida, e por isso trago o comparativo do desenvolvimento adolescente como analogia aos processos evolutivos da fase de metamorfose da borboleta.

Existem três etapas de desenvolvimento até que uma borboleta finalmente chegue à sua fase adulta, começamos pelos ovos, colocados por borboletas adultas em folhas previamente selecionadas, que darão origem à fase larval da borboleta, também conhecido como lagarta, onde se inicia um processo de tentativa de amadurecimento e busca de nutrientes e alimentos necessários para seu crescimento, e logo após o sucesso dessa etapa, a lagarta produz sua própria pupa, ou como chamamos, casulo.

Com base nessa fase lhes trago uma analogia sobre ser borboleta, e a entrada no casulo dentro desse comparativo representa a entrada na adolescência, o ato de adentrar o casulo é como experienciar a adolescência pela primeira vez, não deve ser adiantada, só deve acontecer quando a lagarta estiver pronta para adentrar aquele espaço tão internalizado mas que irá transformar ela finalmente em uma borboleta, sem pressa de ser uma, entendendo o processo do casulo, e a criação de cada instância que vai ser importante para alçar os primeiros voos, o tempo de entrada assim como o de saída do casulo varia de borboleta para borboleta, o organismo quem dita isso, e caso algo seja adiantado, acontece uma quebra do processo natural de amadurecimento, interrompendo o desenvolvimento e estabelecendo um caminho mal trilhado entre lagarta e borboleta que não é desejado.

O que acontece dentro do casulo e como o amadurecimento até borboleta virá, depende de cada uma, mesmo que em tempos muito semelhantes, há o fator individual, que faz com que cada borboleta acesse seu próprio processo, é um processo internalizado, onde muitas mudanças acontecem, e se impedimos o processo de uma lagarta, ela pode nunca vir a se tornar borboleta.

Após o processo concluído, após alçar os voos, e alcançar a vida adulta como uma borboleta, será possível colocar ovos em folhas previamente preparadas, o que nos faz perceber que apenas borboletas formadas que já passaram pelo processo de lagarta sabem

formar novas lagartas, para que enfim venham também entrar no casulo e tornar-se borboleta.

Toda borboleta já foi lagarta no casulo, e toda borboleta desenvolveu suas próprias asas e aprendeu a voar. Todo adulto já foi adolescente um dia, e por melhor que tenha sido essa etapa para ele, ainda existiram mudanças bruscas e saídas de lagarta para borboleta.

Para que se possa formar borboletas prontas para o voo, é necessário entender o processo do casulo e todas as suas variações, é necessário entender com cuidado o tempo de processamento do casulo e respeitar os processos de amadurecimento sem forçar um processo que demanda tempo.

Existem muitos fatores em questão quando falamos de lecionar em artes, mas entre todos eles é necessário o entendimento do teatro enquanto educação e formação de seres pensantes para além de apenas atores, como vemos no trecho abaixo (REVERBEL, 1979, p. 155):

Para que no futuro o teatro na educação assuma o seu verdadeiro papel, que é o de contribuir para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, correspondendo fielmente aos seus anseios e desejos, respeitando-lhe as etapas do pensamento que evolui do concreto para o formal, para dar-lhe uma visão de mundo a partir da marcha gradativa das suas próprias descobertas é preciso que se atendam dois pontos essenciais: - a preparação dos professores; - o apoio governamental, isso é, uma efetiva ação do Ministério da Educação e da Cultura.

É necessário preparar professores para ensinar teatro para além do campo do imagético, para formar adultos sensíveis e cuidadosos em seu desenvolvimento individual e coletivo, respeitando tempos e processos de amadurecimento que demandam tempo para além de todas as qualidades citadas neste texto. Reconheço em mim o processo de casulo para borboletas, e mal posso esperar para instruir lagartas dentro de seus casulos pelo caminho de se tornarem borboletas, respeitando seus tempos e espaços.

Me enxergo como professor-artista-pesquisador, sempre em constante desenvolvimento e crescimento, buscando aprimoramento da minha arte, seja a que reflete em mim dentro de cena, ou a que tento passar para outros artistas dentro de sala de aula, onde as trocas devem ser tidas como vivências necessárias.

Por fim, lecionar para adolescentes em arte demanda olhar sensível e tátil, com cautela e cuidado para não destruir casulos e não formar borboletas em momentos não apropriados, e após entender isso, me sinto pronto para continuar voando.

## REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Rubens. **Metamorfose da borboleta**. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/metamorfose-da-borboleta/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.
- CARDOSO Hansted, T., & Gohn, M. D. Teatro e educação: uma relação historicamente construída. **EccoS Revista Científica**, n. 30, p. 199-220, 2013.
- FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Trad. Helena Mello. **Cena**, n. 7, p. 77, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. (Coleção Ditos e Escritos, v. 5).
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLDFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- HANSTED, T. C.; GOHN, M. G. Teatro e educação: uma relação historicamente construída. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 30, p. 199-220. Jan./abr. 2013.
- HOLMES, Jeremy. **Depressão - conceitos da psicanálise**. São Paulo: Segmento Duetto, 2005
- LIMA, Everton; CARVALHO, Orli. **Transições é o tema central da Semana Internacional da Saúde do adolescente**. 01/04/2022. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php?view=article&id=64:semana-internacional-saude&catid=8#:~:text=A%20OMS%20considera%20como%20adolesc%C3%Aancia,nomea%C3%A7%C3%A3o%20at%C3%A9%20os%2021%20anos>. Acesso em: 05 de Maio de 2023.
- MORAES, Teresa Cristina Rebolho Rego de. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, p. 779-800, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782014000800013>. Acesso em: 04 maio 2023.

NIEDERAUER, A. S. As bases neuropsicológicas do comportamento adolescente e suas implicações no campo educacional. **Revista Acadêmica Licência&acturas**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 24–32, 2014. DOI: 10.55602/rlic.v2i1.27. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/20>. Acesso em: 02 fev. 2023.

REVERBEL, Olga. **O Teatro na Sala de Aula**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

ZOURABICHVILI, François. **Qu'est-ce qu'un devenir, pour Gilles Deleuze?** Conférence prononcée à Horlieu (Lyon) le 27 mars 1997. Disponível em: [horlieu-editions.com/brochures/zourabichvili-qu-est-ce-qu-un-devenir-pour-gilles-deleuze.pdf](http://horlieu-editions.com/brochures/zourabichvili-qu-est-ce-qu-un-devenir-pour-gilles-deleuze.pdf)